

A LEITURA LITERÁRIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

¹Renata Paiva de Freitas

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN; renata18.love@hotmail.com

²Francisca Rozângela Gurgel Campêlo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN; angela-gurgel@hotmail.com

³Francisca Roseneide Gurgel Campêlo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN; rousygurgel.1@hotmail.com

⁴Prof^a Dr^a Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN; malupsampaio@hotmail.com

RESUMO

No presente trabalho objetivamos investigar os impactos e contribuições da leitura e alfabetização, buscando entender a sua junção como forma de dinamizar e tornar este período mais interessante. Para tanto, analisaremos uma atividade realizada com os alunos do 2º ano, vislumbrando uma melhor compreensão deste processo. Para fundamentar este trabalho, embasamo-nos em autores como Moraes (2012), Russo (2012) Coelho (2000), Burlamaque, Martins e Araujo (2011), Silva (2006), dentre outros, que contribuíram em nosso diálogo. A pesquisa realizada tem caráter qualitativo e a análise se deu através de uma aula, na qual foi trabalhada a “sacola mágica”, sendo que os alunos criaram uma história mediante a sua imaginação e criatividade. Os resultados alcançados demonstraram que a atividade proposta aos alunos acarretou um bom desempenho quanto à participação e interação. Bem como é perceptível que a leitura literária no processo de alfabetização contribui para que o desenvolvimento da aula e aprendizagem se torne mais significativa e dinâmica.

Palavras-chaves: Alfabetização, Leitura Literária, Lúdico.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho justifica-se pela necessidade de percebermos a relevância de se repensar o processo de alfabetização, o qual em muitas escolas centra-se nos antigos métodos alicerçados apenas na mera decodificação. Neste viés, buscamos dinamizar, tornando esse período mais atrativo e estimulante. Para tanto, frisamos a significância de atrelar à leitura literária neste processo.

¹ Estudante de Pedagogia/UERN;

² Estudante de Pedagogia/UERN;

³ Estudante de Pedagogia/UERN;

⁴ Professora efetiva no Departamento de Educação/UERN.

Nesta perspectiva, objetivamos investigar os impactos e as contribuições da junção da literatura e o alfabetizar, buscando dinamizar e tornar esse período que para muitos é complexo ou enfadonho, em um processo gratificante e estimulante. Para tanto, iremos analisar a realização de uma aula que realizamos, enquanto bolsistas do Programa PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência /Subprojeto de Pedagogia do CAMEAM (*Campus* Avançado Prof^a Maria Eliza Albuquerque Maia), que visa a contribuir com “a formação de mediadores de leitura em processo de auto-formação”, junto a professora supervisora do referido programa, para alunos do 2º ano do ensino fundamental, em uma Escola da cidade de Pau dos Ferros/RN.

Para realização desta pesquisa nos embasaremos a luz dos autores como Morais (2012), Russo (2012), Freire (2013), Coelho (2000), Burlamaque, Martins e Araujo (2011), Solé (1998), Kishimoto (2007), Silva (2006) Bogdan e Biklen (1994), dentre outros. A leitura desses referenciais nos proporcionou uma melhor fundamentação nas discussões, ao longo deste trabalho. Em síntese, iremos discutir sobre os desafios existentes no processo de alfabetização, discorreremos também sobre a relevância da leitura literária e a dinamização neste processo.

ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS DA ESCRITA

Desde os primórdios, quando a humanidade foi evoluindo intelectualmente, foi-se buscando encontrar técnicas, formas que facilitasse o apropriar-se da linguagem escrita. Segundo Morais (2012), os métodos de ensino e aprendizagem de alfabetização foram criados desde a Antiguidade, mas, especificamente no século XVIII, os métodos tradicionais ancorados na teoria do conhecimento subjacente a ótica empirista associacionista, perspectiva a qual define o aluno como um “tabula rasa”, que só aprende a linguagem escrita através de informações já prontas e acabadas, transmitidas pelo professor e sob inúmeras repetições.

É notório que mesmo sendo essa teoria desmistificada na atualidade, uma vez que é inaceitável que o aluno não participe como ser ativo e protagonista no seu processo de aprendizagem, como alguém que adquire conhecimentos mediatizado pelo professor e, também, ensina através de seus conhecimentos prévios, ainda existem professores que trabalham com as antigas práticas de ensino da escrita alfabética, centradas nas vãs repetições e limita apenas a decodificação, sem despertar no aluno o senso crítico e reflexivo. Prática esta, que vem alimentando a história de fracasso que tem perpetuado ao longo da história.

Sob este viés, é que nos últimos tempos a alfabetização tem sido um dos temas centrais presentes nas mais diversas pesquisas, tudo isso devido ao aos altos índices de fracasso, assim, como traz Moraes (2012) ao expor o que propõe Soares (2003), precisamos:

[...] “reinventarmos” o ensino de alfabetização, indicamos que uma outra dificuldade a enfrentar são as tentativas de ressuscitar os velhos métodos fônicos silábicos, como se fossem a adequada solução para superarmos o fracasso de nossas escolas públicas em alfabetizar [...]”. (Grifos do autor, 2012, p. 25)

Necessário se faz descentralizar-se dos métodos e técnicas tradicionais, que visa apenas uma aprendizagem de acúmulos de informações e transmissões de saberes, e centralizar-se em um ensino voltado para o aluno, nas suas singularidades, percebendo-o como ser de conhecimentos e em constante construção.

Sob este viés, percebemos a importância de ver o aluno como ser autônomo capaz de construir o próprio conhecimento, mediado pelo professor, tal concepção, vai de encontro ao pensamento de Russo (2012), quando a mesma defende que:

Se considerarmos a criança como um futuro cidadão, capaz de pensar por si, nós, educadores, teremos que lhe dar condições de ser autônoma, levando-a a resolver seus problemas e evitando dar-lhe as respostas. Assim, a criança deve ter liberdade para interagir com os colegas e com o professor, trocando pontos de vista, confrontando opiniões e tomando decisões próprias, e ter autonomia para interagir com o objeto do seu conhecimento. (RUSSO, 2012, p. 14).

Nessa perspectiva, como corrobora Freire (2013, p. 24) “[...] ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Desta forma, o aluno deve ser visto como formador de conhecimento, que como defende o autor, tanto ensina com também aprende.

Assim, é preciso considerar que o professor precisa ver o seu aluno como um ser conhecedor, apto a construir seu próprio pensamento, a partir da mediação do educador, o qual deve elaborar estratégias de ensino que estimule a participação ativa, a troca de conhecimentos entre os alunos e que os inquietem a desenvolverem uma ótica crítica e reflexiva do conhecimento que adquirem em sala de aula e do mundo ao seu redor.

Deste modo, o educador precisa manter vivo no aluno o gosto, o entusiasmo e a curiosidade de aventurar-se no conhecer, no aprender de forma crítica e autônoma, também mediando-os e estimulando-os a si perceberem como seres de valor e em constante construção.

LEITURA: DA ESCOLA PARA A VIDA

A iniciação literária possibilita à criança o prazer e a fruição, fortalecendo, assim, sua imaginação. Na escola o contato com os livros desde a educação infantil permite a criança alargar seus horizontes e seus conhecimentos de mundo. E contribui para formar leitores críticos e para se obter uma melhor compreensão de mundo. Como mostra Burlamaque, Martins e Araujo (2011, p.76) ao expor o que respalda Coelho (2000) sobre a escola:

A escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente condição para a plena realidade do ser.

A leitura traz diversas contribuições para a formação do leitor como mencionado por Coelho (2000), com isso, para obter essas contribuições é necessário à ajuda de um mediador que irá facilitar e contribuir para a formação do leitor. Trata-se dos agentes facilitadores que levam a criança até o texto. Quando falamos em mediadores de leitura não estamos nos reportando apenas ao professor, mas aquele que traça o caminho que o leitor irá percorrer seja o pai, bibliotecários, voluntários de projetos de leitura, diretor, supervisor, enfim, nós bolsistas do PIBID, somos mediadores de leitura, juntamente com a professora supervisora. Para tanto, procuramos estratégias para despertar nos alunos o gosto pela leitura e trabalhamos com atividades lúdicas de contações de histórias com fantoches, rodas de leitura dentre várias outras, para facilitar o contato das crianças com o livro.

A leitura vai além da sala de aula e de uma simples atividade sobre o texto lido, pois é de responsabilidade dos mediadores, levar o leitor a compreender e perceber o texto, dialogar e debater o que leu. Como ressalta Burlamaque, Martins e Araujo (2011) que o leitor não deve ser um sujeito passivo diante da leitura, mas que precisa estabelecer uma relação de troca, uma experiência que o leve a se questionar, duvidar, crer e tecer novas concepções acerca do que leu.

Segundo Solé (1998) a “leitura por prazer associa-se à leitura de literatura. É normal que isso aconteça, pois, os textos literários, cada um em seu nível e no nível adequado dos alunos, poderão “enganchá-los” com maior probabilidade”. Enquanto mediadoras de leitura nos

preocupamos em formar leitor para vida, que mesmo os alunos concluindo seus estudos não deixem de ler e compreender o que leem, pois hoje ainda temos professores trabalhando com a leitura e a literatura de forma errônea na escola.

Em relação à literatura formadora Burlamaque, Martins e Araujo (2011) defendem que:

A literatura no caráter formador faz com que as crianças apreciem a essência da arte literária, possibilitando uma inter-relação com o seu cotidiano. Quanto mais oferecemos literatura às crianças, mais elas estarão capacitadas a entender o texto, a interpretar, a valorizar e a ativar os seus intertextos constituídos para o desenvolvimento de uma competência literária. (2011, p. 81).

As crianças ao se depararem com os livros, elas procuram os que mais lhe chamam a atenção e os que mais se identificam, por isso, é necessário ter o momento de leitura livre, em que as crianças fiquem à vontade para escolher e consultarem os livros que mais se identifiquem para poderem com mais facilidade dialogarem e repassarem aos colegas.

O LÚDICO: APRENDER COM PRAZER

Partindo da premissa de que as nossas práticas educacionais não podem ser estáticas tradicionais e muito menos descontextualizadas da realidade existencial dos nossos alunos, também temos como desafio mediante os modelos atuais de educação, promover um ensino que assegure a garantia de uma aprendizagem mais sólida e prazerosa nos ambientes educativos. Com isso, se faz necessário a busca por inovações nas práticas alfabetizadoras, as quais possam assegurar maior dinamicidade e ludicidade as atividades desenvolvidas nos contextos escolares das realidades atuais.

Segundo Kishimoto (2007, p. 21), “hoje a imagem de infância é enriquecida, também com o auxílio de concepções psicológicas e pedagógicas, que reconhecem o papel do brincar e brincadeiras no desenvolvimento e na construção do conhecimento infantil”. Isso implica que a aprendizagem não pode ser compreendida como uma atividade isolada das experiências mais prazerosas e marcantes da vida das crianças, mediante as suas relações de contentamento com as práticas do brincar, nas suas mais variadas formas.

Logo, a prática educadora atual deve estar diretamente interligada com as distintas transformações ocorridas ao longo dos tempos. Transformações estas que envolvem o contato direto de crianças e jovens, de maneira precoce ao acesso desenfreado, de eletrônicos e multimídias, estes na maioria das vezes utilizados erroneamente ocasionando vícios excessivos, sem nenhuma finalidade educativa. Daí a necessidade em encontrar mecanismos que favoreçam e garantam de forma lúdica, a promoção do processo de ensino e aprendizagem, pautando-se na criatividade e na

utilização de jogos e brincadeiras, que além do prazer promovem à autonomia, a sociabilidade, a oralidade, o respeito, a coletividade, a atenção e vários outros aspectos diretamente relacionados com as habilidades cognitivas dos educandos.

Para muitos, o brincar pode estar associado a uma ação irrelevante, sem nenhuma significação para a aprendizagem. Entretanto as brincadeiras não só desenvolvem as habilidades e competências do indivíduo, mas também são imprescindíveis para seu avanço social (SILVA, 2006, p. 28). Dessa forma o ensino vai muito além de propagar teorias e conteúdos abstratos, muito mais que isso, o ensino envolve pensar e executar atividades diversificadas, que estimulem, provoquem e possibilitem unir o conhecimento pragmático, aos jogos e a brincadeiras associando assim, os conteúdos usualmente discutidos no universo escolar, ao mundo imaginário, fictício e repleto de satisfações, que desencadeiam além do prazer, aprendizagens significativas através do ato individual ou compartilhado do brincar. Como ressaltado por Silva (2006):

Entretanto, surpreendentemente, os PCN são omissos no tocante à inclusão de atividades lúdicas como estratégias ou procedimentos pedagógicos, embora sugiram atividades diversificadas, visando à interação do aluno com seu objeto de estudo, intermediado pelo educador. Defendemos que esse processo interativo se tornará tanto mais profícuo quanto mais forem inseridas propostas lúdicas, que concretizem e materializem essas interações. Dessa forma, ocorre uma maior atuação do educando na construção de significados para sua aprendizagem, a qual se torna significativa e, conseqüentemente, incorporada à sua formação. (p. 46-47).

Sem dúvida, trabalhar na perspectiva lúdica, dinâmica e diversificada envolve muito esforço, disponibilidade e planejamento, além de muita motivação por parte do profissional da educação, por sua vez, essa é uma alternativa acessível na busca pela promoção de um ensino mais inovador, que como bem aponta Silva anteriormente, está diretamente associado com a construção de significados atrelados a uma aprendizagem mais eficiente, diretamente associada as necessidades dos educandos.

Contudo referenciamos Vygotsky, citado por Kishimoto (2007, p. 51), que acredita na imaginação como elemento essencial para a aquisição da aprendizagem, imaginação que está diretamente associada ao jogo.

A imaginação é um processo psicológico novo para a criança, representa uma forma especificamente humana de atividade consciente que não está presente na consciência das crianças muito pequenas e está ausente nos animais. Ela surge primeiro em forma de jogo, que é a imaginação em ação.

Dessa forma buscamos e acreditamos em propostas de ensino concebidas de maneira agradável, as quais identifiquem as fragilidades, e a partir desta repensem novas mudanças metodológicas que possam melhorar as propostas de aprendizagem.

METODOLOGIA

Mediante ao objetivo de investigar os impactos e contribuições da junção entre a leitura literária e a alfabetização, buscando dinamizar e tornar este período mais interessante é que tal pesquisa foi desenvolvida para identificarmos possíveis contribuições neste processo, mais especificamente numa turma do 2º ano do ensino fundamental.

Neste sentido nossa pesquisa se ancora na perspectiva qualitativa, na qual Bogdan e Biklem (1994) defendem que, “Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal”. (BOGDAN E BIKLEN 1994, p. 47). Assim sendo, o pesquisador deve oferecer grande período de tempo dedicado aos participantes da pesquisa *in locus*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Levando em conta a relevância de repensar o processo de alfabetização, e percebendo o papel significativa da leitura no processo de aprendizagem, objetivamos investigar os impactos e as contribuições da junção destes dois instrumentos, buscando dinamizar e tornar esse período que para muitos é complexo ou enfadonho, em um processo gratificante e estimulante.

Para tanto, planejamos uma aula a qual buscamos estimular a imaginação das crianças através da construção de uma história coletiva com objetos retirados de uma “sacola mágica”, compartilhado com os colegas de sala, levando-os a perceberem que a leitura pode ser trabalhada e vivenciada nas diferentes formas. No período da construção da história ocupamos a função de escritoras que escrevemos na lousa, e os alunos ditavam a história que juntos iriam criando, a cada objeto retirado da sacola, era uma nova cena, a imaginação e a criatividade fluíam ao longo da construção. Foi trabalhado a escrita dos alunos, pois ao final da história os alunos transcreveram a história em seus cadernos como forma de registro.

A mediação para a construção da história criada através dos objetos presentes na sacola vem de encontro ao pensamento de Maia (2007) que defende que é relevante existir uma aproximação dos alunos com os diferentes tipos de linguagens, isto é, oportuniza-las a criarem uma história de acordo com suas imaginações.

No que concerne a Alfabetização acreditamos que a história também traz contribuições significativas, uma vez que ao passo que criavam a história, foram juntos ajudando a escrevê-la. Assim, como defende Russo (2012) estaremos proporcionando aos alunos liberdade e autonomia, os quais poderem juntos construir uma história.

A seguir apresentamos a produção dos alunos, resultante da criatividade dos mesmos:

Era uma vez uma boneca chamada Rosinha, que foi passear e encontrou uma caixa que tinha uma pérola, que na verdade era uma mamadeira e ela deu de presente ao primo. E de repente apareceu uma lagarta e pegou a mamadeira para dar a seu filhote. Mas a onça pegou o filhote da lagarta e comeu, com raiva o Patati matou a onça. Para comemorar fizeram um bolo de chocolate. De repente o Patati encontrou uma moça e se apaixonou por ela. Eles iam se casar, mas no dia do casamento o Padre havia perdido a Bíblia e não teve mais casamento nesta igreja, foram para outra igreja e enfim casaram-se e tiveram um filho e compraram um perfume bem cheiroso para seu filhinho e uma colher para ele comer. Certo dia, eles foram para o casamento do vizinho, logo depois, pegaram o controle do carro e foram para outro casamento. No caminho compraram um lápis para fazer anotações do que eles iriam precisar levar para a festa, um sapo entrou no carro e comeu um caderno de anotações, com raiva Patati pegou uma caixa de fósforo e colocou fogo no sapo.

*Texto criado pelos alunos do 2º ano “A”

Através da realização dessa atividade, os alunos participaram e interagiram criando a história coletivamente. Destacaremos alguns pontos percebidos durante e ao final da atividade:

- ✓ Trabalho em grupo;
- ✓ Criatividades;
- ✓ Imaginação;
- ✓ Mediação entre as bolsistas do PIBID, professora supervisora e os alunos;
- ✓ Conhecimentos prévios dos alunos acionados;
- ✓ Gosto pela leitura;
- ✓ Coerência na continuação de cada parte dos alunos, pois na medida em que um terminava sua parte o outro dava continuidade.

De acordo com os autores aqui evocados como forma de embasamento teórico, é perceptível que a atividade aqui analisada tem contribuições para a formação leitora, lúdica e alfabetizadora dos alunos. Atividades como essa mostra como as crianças são capazes de criarem suas próprias histórias, utilizando objetos utilizados pelas mesmas no dia a dia. E que a leitura é um instrumento fundamental na alfabetização de crianças. Um aspecto negativo presente na história foi algumas cenas de violência criadas pelas crianças. Como morte e crime. Isso nos faz refletir como as crianças estão fazendo a leitura de mundo.

CONCLUSÃO

De acordo com o objetivo deste trabalho, concluímos que os alunos participaram e interagiram com a atividade e criaram a sua própria história. Trazendo assim, grandes contribuições através da leitura literária e a alfabetização e dinamizaram com os colegas tornando a aula mais interessante.

Faz-se necessário buscarmos por inovações nas práticas alfabetizadoras, as quais puderam assegurar maior dinamicidade e ludicidade na atividade desenvolvida no contexto escolar. O trabalho com a leitura traz diversas contribuições para a formação do leitor e no processo de ensino-aprendizagem, tornando esse processo mais estimulante e prazeroso. São atividades como essas que contribuem para a formação e alfabetização dos discentes.

Com isso, compreendemos que o educador precisa despertar no aluno o gosto, entusiasmo e a curiosidade de casa vez mais adquirir conhecimento de forma crítica e autônoma. E mediar e estimular os mesmos a perceberem como seres de valor e em constante construção.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert C. e BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora LTDA, (1994)

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; MARTINS, Kelly Cristina Costa; ARAUJO, Mayara dos Santos. A leitura do livro de imagem na formação do leitor/ Org. Renata Junqueira de Souza, Berta Lúcia Tagliari Feba. **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. – Campinas, SP: Mercado de Letras, pp. 75-95. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paulo Freire – 46ªed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortês, 2007.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**/ São Paulo: Paulinas, 2007.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

RUSSO, Maria de Fatima. **Alfabetização: um processo em construção**.6. Ed. – São Paulo: Saraiva, 2012.



SILVA, Irenilda Francisca de Oliveira e. **O papel de atividades lúdicas na produção de textos dissertativos.** Disponível em: http://www.unicap.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=39. Acesso em: 04 de outubro de 2015.

SÓLE, Isabel. **Estratégias de leitura.** - 6. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998.

